

Curso de Extensão

Vozes Negras na Antropologia

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, campus Baixada Santista

Gratuito

16/03/2023 a 06/07/2023 - quintas-feiras, das 19h às 21h

Curso online, através da plataforma Zoom

Palavras-chave: Antropólogas/os negras/os, História da Antropologia, Racismo, Antirracismo.

Caracterização: curso semestral, oferecido de maneira remota e aberto a estudantes de graduação e pós-graduação.

Área do conhecimento: Ciências Humanas.

Número de vagas: 100

Professor convidado: Messias Basques. Doutor em Antropologia pelo Museu Nacional e pesquisador visitante no Afro-Latin-American Research Institute da Universidade de Harvard.

Professor coordenador: Renzo Taddei, do Instituto do Mar da Unifesp.

Professor vice-coordenador: Rodolfo Scachetti, do Instituto do Mar da Unifesp.

Período de inscrição: 10/02/2023 a 10/03/2023

Período de realização: 16/03/2023 a 06/07/2023

Horário: quintas-feiras, das 16h às 18h

Conteúdo programático: O curso apresenta a trajetória e as principais obras de intelectuais negras e negros que, a partir de diferentes contextos, estilos e abordagens, promoveram uma reflexão antirracista nas ciências humanas: Grada Kilomba (Portugal, 1958 -): “Quem pode falar?”; Joseph Auguste Anténor Firmin (Haiti, 1850-1911): pioneiro da antropologia antirracista; Martin Robinson Delany (Estados Unidos, 1812-1885): princípios de etnologia; Manuel Raimundo Querino (Brasil, 1851-1923): artes e costumes africanos no Brasil; Jean Price-Mars (Haiti, 1876 - 1969): cultura, poder e negritude; Katherine Dunham (EUA, 1909-2006) e Pearl Primus (Trinidad & Tobago, 1919 - 1984): da antropologia à dança, e vice-versa; Edison Carneiro (Brasil, 1912-1972) e o estudo das relações raciais; Jomo Kenyatta (Quênia, 1897 - 1978): da antropologia à política; Lélia González (Brasil, 1935-1994): o feminismo afro-latino-americano e a amefricanidade; Virgínia Bicudo (Brasil, 1910-2003): diálogos entre antropologia e psicanálise; Archie Mafeje (África do Sul, 1936-2007): a ideologia do tribalismo e a antropologia (pós)colonial; Safi Faye (Senegal, 1943 -): a antropologia e o cinema etnográfico; Leith Mullings (Jamaica, 1945-2020): por uma antropologia antirracista

Objetivos: apresentar a trajetória e as principais obras de intelectuais negras e negros que, a partir de diferentes contextos, estilos e abordagens, promoveram uma reflexão antirracista nas ciências humanas, com destaque para os seguintes temas: a categoria pseudocientífica de raça, forjada nos séculos XVIII e XIX; a cultura e os estudos do folclore; as comunidades negras e as diversas formas de ativismo; os usos contemporâneos dos conceitos de classe, raça, gênero, etnicidade e negritude; alteridade e identidade na diáspora; o “eu” e o “outro” na pesquisa acadêmica.

Objetivos específicos: apresentar uma introdução às vidas e às obras de autores que permanecem pouco conhecidos ou até mesmo ausentes dos cursos e publicações acadêmicas da área, especialmente em língua portuguesa.

Justificativa: Nos últimos anos, as salas de aula das instituições de ensino superior brasileiras se tornaram mais diversas e inclusivas. A mudança do perfil étnico-racial dos estudantes está diretamente relacionada à implementação de ações afirmativas, sobretudo a partir da Lei no 12.771 de 2012. Mais conhecida como a “Lei das Cotas”, a legislação representa uma conquista histórica dos movimentos negro e indígena no Brasil. Para que se tenha ideia da magnitude da mudança, entre 2009 e 2015, registrou-se um aumento de 25% de pessoas autodeclaradas negras matriculadas em cursos universitários. O Censo da Educação Superior também revela uma transformação sem precedentes em relação ao número de estudantes que se autodeclararam indígenas: na última década, o total de matriculados saltou de 7.256 para quase 60.000 estudantes.

Desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, que criou as bases para o processo de redemocratização, grupos sociais minoritários e/ou historicamente excluídos passaram a demandar a criação de políticas públicas específicas. Nesse sentido, as Leis no 10.639 de 2003 e no 11.645 de 2008, anteriores à Lei das Cotas, promoveram um avanço fundamental ao determinar a reestruturação das diretrizes e bases da educação. Ambas tornaram obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, bem como o estudo das contribuições desses grupos sociais à formação da sociedade nacional.

Após séculos de violência, genocídio, silenciamento e uniformização forçada de saberes, idiomas e modos de vida, vislumbrou-se a possibilidade concreta de dar voz à imensa diversidade sociolinguística e cultural presente no país. A chegada de um número cada vez maior de pessoas negras e indígenas ao ensino superior impulsionou uma série de iniciativas nesse sentido, dando origem a pesquisas e publicações protagonizadas por sujeitos e povos que antes se viam reduzidos à condição de meros objetos científicos.

No entanto, todas essas mudanças também revelaram um inegável desencontro de projetos e expectativas entre a nova geração de estudantes e os guardiões da tradição acadêmica. Isto é, professores e pesquisadores majoritariamente brancos, educados em conformidade com os conceitos, obras e teorias que servem de base para os currículos universitários, cujos autores-chave (considerados clássicos) são, sobretudo, homens brancos de origem euro-americana.

Esse é o contexto em que surgiram o Coletivo Negra da e o Coletivo de Estudantes Negras e Negros das Ciências Sociais na Universidade Federal do Espírito Santo. Ambos são compostos de jovens estudantes provenientes de comunidades periféricas e de escolas públicas. A agenda desses coletivos é orientada pela luta contra o racismo, a criminalização e o genocídio de negros e indígenas, ao mesmo tempo em que se dedicam à promoção de ações antirracistas.

No mês de outubro de 2017, os membros do Coletivo de Estudantes Negras e Negros das Ciências Sociais decidiram dar início a uma agenda antirracista em seu curso de graduação. Insatisfeitos com a falta de políticas de diversidade e de empenho institucional para a adequação do currículo à legislação acima mencionada, os estudantes encaminharam uma carta ao Departamento de Ciências Sociais exigindo que os docentes passassem a incluir, em todas as ementas e cursos, ao menos dois autores negros.

No ano de 2019, após ser contratado como professor substituto na UFES, o professor Messias Basques teve a oportunidade de conhecer esses estudantes. Com eles criou a ementa de uma disciplina capaz de traçar outra linha do tempo e outra história das Ciências Sociais; em especial, da Antropologia. A ementa centra-se exclusivamente em autores negros e negras. O curso foi batizado de “Branco sai, Preto fica: uma introdução à antropologia de autores negros e negras”. *Branco sai, preto fica* (2015) é um filme premiado em festivais no Brasil e no exterior, com roteiro e direção de Adirley Queirós. A expressão que dá nome ao filme se refere à fala de um policial, em uma cena que retrata a invasão de um grupo de militares em um baile de black music, em 1986. Na ocasião, os brancos deixam o baile, enquanto os pretos ficam e são submetidos a agressões. Com a ação da polícia, tiros são trocados e dois dançarinos negros acabam feridos. Segundo os críticos, o mérito do filme está na mistura bem-sucedida de elementos do gênero documental, musicais e ficção científica, numa trama que revela o apartheid entre a cidade satélite de Ceilândia e o plano piloto de Brasília, a capital brasileira.

A disciplina parte da inspiração cinematográfica para apresentar uma introdução à antropologia de autores negros e negras, cujas obras, estilos e temas têm sido sistematicamente silenciados na história da disciplina. Um silenciamento explícito e reiterado, que pode ser percebido, por exemplo, na quase inexistência desses autores nas ementas das disciplinas dos cursos universitários e no número ínfimo de traduções e de títulos publicados em português das obras de antropólogos negros e negras. O curso, em suma, apresenta a uma releitura da história da Antropologia, baseando-se para tanto nas obras de autores negros e negras e em seus diferentes estilos, abordagens e temas. Tal como no filme de Adirley Queirós, não se trata de apresentar uma narrativa linear e muito menos exaustiva, mas sobretudo de ler e de analisar as trajetórias e as obras de autores que, em suas pesquisas e diferentes estilos de escrita, transitaram entre os movimentos sociais, a ficção, a etnografia e a teoria antropológica.

Após a primeira edição do curso na UFES, o curso foi oferecido outras quatro edições – na USP por duas vezes, na UFF e na UNILAB - na modalidade de extensão, sendo duas delas por via remota, passando a incluir outros autores negros e negras provenientes de diferentes países africanos e da diáspora.

No ano de 2022, o projeto Vozes negras na Antropologia recebeu os prêmios de “Melhor trabalho de ensino de Antropologia no Brasil”¹ e o “1º Prêmio de Divulgação Científica em Antropologia”², na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia.

A proposta de uma nova edição do curso na UNIFESP tem o intuito de oferecer aos estudantes e demais pessoas interessadas a oportunidade de tomar conhecimento das vidas e das obras desses autores, bem como dessa outra história da Antropologia. Apesar dos inquestionáveis avanços e conquistas dos movimentos negros e indígenas desde a redemocratização, inclusive no que se refere ao ensino superior, os cursos de humanidades continuam carentes do devido acolhimento institucional das temáticas étnicorraciais como eixos integrantes e fundamentais dos currículos.

Projeto Vozes Negras na Antropologia:

Website: www.vozesnegras.com

Canal no Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCozb-5yZuRlhDG0vP1aj-Rw>

Metodologia: aulas expositivas seguidas de debate.

CrITÉRIOS de avaliação do aproveitamento: certificado será conferido às/aos participantes com frequência igual ou superior a 70% das aulas.

Programa do curso e referências bibliográficas:

1. 16/03 - Introdução

2. 23/03 - Grada Kilomba (Portugal, 1958 -): “Quem pode falar?”

KILOMBA, G. (2008/2020). Quem pode falar: falando do centro, descolonizando o conhecimento. In: *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, pp. 32-46.

¹ <http://www.portal.abant.org.br/premio-ensino-de-antropologia/>

² <http://www.portal.abant.org.br/premio-de-divulgacao-cientifica/>

3. 30/03 - Joseph Auguste Anténor Firmin (Haiti, 1850-1911): pioneiro da antropologia antirracista

FIRMIN, J. A. A. (1885/2002). "Prefácio" e "Antropologia como uma disciplina". In: *A igualdade das raças: antropologia positiva*. Urbana & Chicago: University of Illinois Press, pp. iii-ix, 1-14.

4. 06/04 - Martin Robinson Delany (Estados Unidos, 1812-1885): princípios de etnologia

DELANY, M. (1879/1880). *Principia of Ethnology: the origin of races and color, with an archeological compendium of Ethiopian and Egyptian civilization, from years of careful examination and enquiry*. Philadelphia: Harper & Brothers Publishers, second and revised edition.

GILROY, Paul. (1993/2001). "Martin Delany e a instituição da pátria". In: *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34, pp.65-82.

5. 13/04 - Manuel Raimundo Querino (Brasil, 1851-1923): artes e costumes africanos no Brasil

QUERINO, M.R. (1918/1980). O colono preto como fator da civilização brasileira. *Afro-Ásia*, n.13, p.143-158.

6. 20/04 - Zora N. Hurston (EUA, 1891- 1960) e Manuel Z. Olivella (Colombia, 1920 - 2004): etnografia e literatura afro-atlânticas

HURSTON, Z.N. (1950/2019). O que os editores brancos não publicarão (Tradução) / Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação - Messias Basques). *Ayé: Revista de Antropologia*, 1(1), pp.102-111.

_____. (2021). Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial). *Ayé: Revista de Antropologia*, organização Recânone UFRN.

ZAPATA OLIVELLA, M. (1988). Negritude, indianidade e mestiçagem na América Latina. *Présence Africaine*, (145), pp.57-65.

7. 27/04 - Jean Price-Mars (Haiti, 1876 - 1969): cultura, poder e negritude

PRICE-MARS, J. (1956). Sobrevivências africanas e dinamismo da cultura negra através do Atlântico. *Présence Africaine*, (8/10), 272-280.

_____. (1966). A posição do Haiti e da cultura francesa na América. *Journal of Inter-American Studies*, 8(1), pp.44-53.

8. 04/05 - Katherine Dunham (EUA, 1909-2006) e Pearl Primus (Trinidad & Tobago, 1919 - 1984): da antropologia à dança, e vice-versa

DUNHAM, K. (1979). Carta aberta aos teatros negros. *Black Scholar*, 10(10), pp.3-6.

PRIMUS, P. (1993). Cultural bridges. *American Journal of Dance Therapy*, Vol. 15, No. 1, Spring/Summer, Marian Chace Annual Lecture.

9. 11/05 - Edison Carneiro (Brasil, 1912-1972) e o estudo das relações raciais

CARNEIRO, E. (1968). O negro como objeto de ciência. *Afro-Ásia*, 6-7, pp.91-100.

10. 18/05 - Jomo Kenyatta (Quênia, 1897 - 1978): da antropologia à política

KENYATTA, J. (1938/1961). "Prefácio" e "Conclusão", In: *Facing Mount Kenya*, pp.xv-xxi, 309-318.

11. 25/05 - Lélia González (Brasil, 1935-1994): o feminismo afro-latino-americano e a amefricanidade

GONZALEZ, L. (1980/2018). "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Cia. das Letras, pp. 62-77.

12. 01/06 - Virgínia Bicudo (Brasil, 1910-2003): diálogos entre antropologia e psicanálise

BICUDO, V. (1945/2010). Introdução e Resumos e hipóteses para pesquisa posterior. In: MAIO, C. (org.). *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. Ed. Sociologia e Política.

DUNKER, C. (2015). Institucionalismo. In: *Mal-estar, sofrimento e sintoma: Uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo Editorial.

GOMES, J.D. (2013). *Os segredos de Virgínia: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. PPGAS-USP.

-. 08/06 – Feriado de Corpus Christi

13. 15/06 - Archie Mafeje (África do Sul, 1936-2007): a ideologia do tribalismo e a antropologia (pós)colonial

MAFEJE, A. (1971/2020). A ideologia do tribalismo. *Pontos de interrogação: revista de crítica cultural*, 10(2), pp.253-265.

BORGES, A. et al. (2015). Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. *Soc. Estado.*, vol.30, n.2, pp.347-369.

14. 22/06 - Safi Faye (Senegal, 1943 -): a antropologia e o cinema etnográfico

FAYE, S. (1996). *Mossane*. Senegal, 105 minutos (filme). Filme com legendas

SACRAMENTO, E. (2019). Safi Faye: Cinema e percurso. *Revista Cantareira*, 25, pp.88-95.

15. 29/06 - Leith Mullings (Jamaica, 1945-2020): por uma antropologia antirracista

MULLINGS, L. (2005/2013). Inquirindo o racismo: em direção a uma antropologia antirracista. *CS*, 12, 325–375. Cali, Colombia.

16. 06/07 - Fechamento

17. 13/07 – Entrega dos trabalhos finais